



καιρός | kairós

Boletim do Centro de Estudos em
Arqueologia, Artes e Ciências do
Património

N.º 13

CEAACP - UC/CAM/UALG

FICHA TÉCNICA

Título καιρός | kairós. Boletim do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património | **N.º 13**

Editores do volume J. Alves-Ferreira | L. Bacelar Alves | P. Silva | S. Gomes

Autores G. Pereira | V. Santos | P. Silva | M. Simões

Imagem de capa © Mirta Kelen Barbosa (2021)

Edição CEAACP

ISSN 2184-7193

DOI https://doi.org/10.14195/2184-7193_13

Suporte Digital | **Formato** PDF

Contactos ceaacp@uc.pt

Financiamento



Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA PORTUGAL



ÍNDICE

EDITORIAL ... 1

A PRÁTICA ARQUITECTÓNICA NO RENASCIMENTO: O CONVENTO DE CRISTO DE TOMAR NO REINADO DE D. JOÃO III ... 3

ICONOLOGIA DO ESPAÇO DOMÉSTICO NA PINTURA DOS SÉCULOS XIV A XVI. DO FRAGMENTO À CONSTELAÇÃO ... 13

ARQUEOLOGIAS DA PRESENÇA EM PASSADOS SIMULADOS. VESTÍGIOS DA PAISAGEM PROTO-HISTÓRICA ENTRE OS RIOS DOURO E UL-ANTUÃ ... 23

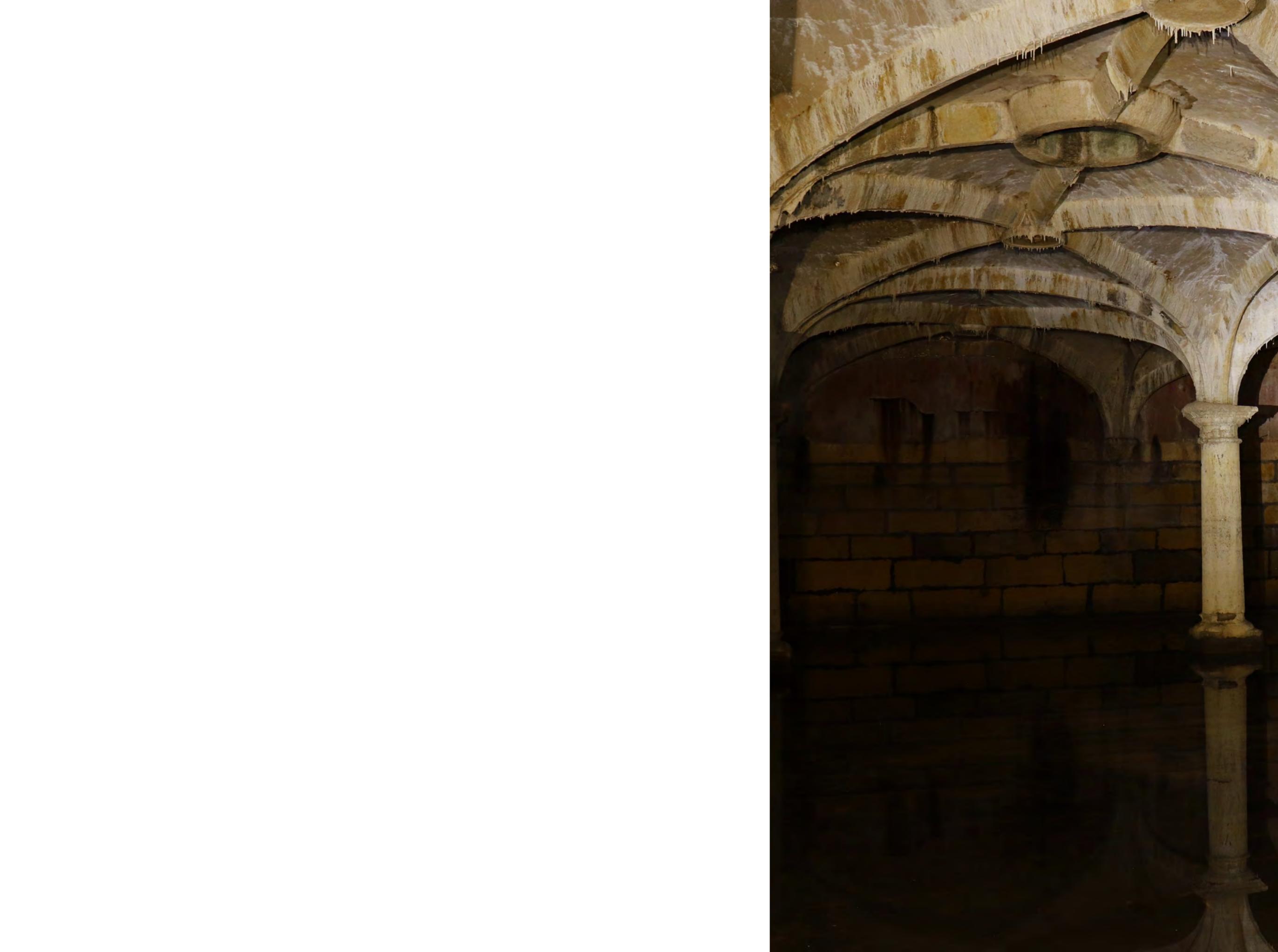
VARIABILIDADE GEOLÓGICA E DESAFIOS DA CONSERVAÇÃO DE SÍTIOS DE REPRESENTAÇÃO RUPESTRE. OS CASOS DO VALE DO CÔA (PORTUGAL) E CHAPADA DIAMANTINA (BRASIL) ... 39

EDITORIAL

J. ALVES-FERREIRA | L. BACELAR ALVES | P. SILVA | S. GOMES

Neste número da *kairós* são apresentados quatro projetos de doutoramento em curso no CEAACP. A investigação de Gabriel Pereira versa sobre a arquitetura renascentista, tendo como objeto de estudo o Convento de Cristo de Tomar no reinado de D. João III. O seu propósito é compreender o vasto entrelaçamento dos saberes e dos poderes em que se constituiu este icónico dispositivo arquitetónico. Marta Pereira propõe-nos um ensaio entre os fragmentos e a constelação da iconologia do espaço doméstico na pintura dos séculos XIV a XVI. É uma pesquisa que visa alargar o entendimento do doméstico, perscrutando as suas gramáticas e estratificações como matéria de revisitação do nosso

(des)conhecimento das representações do quotidiano e do familiar. Pedro da Silva procura mostrar-nos o estranhamento da proximidade que podemos sentir na paisagem proto-histórica entre os rios Douro e Ul-Antuã; um estranhamento que, no seu diálogo com a arte contemporânea, pode refazer a experiência de distância entre os arqueólogos e os seus objetos de estudo. O projeto de Viviane da Silva Santos incide sobre a conservação de sítios de representação rupestre, explorando os desafios que se colocam à variabilidade geológica dos casos do Vale do Côa (Portugal) e da Chapada Diamantina (Brasil).





A prática arquitectónica no Renascimento: o Convento de Cristo de Tomar no reinado de D. João III

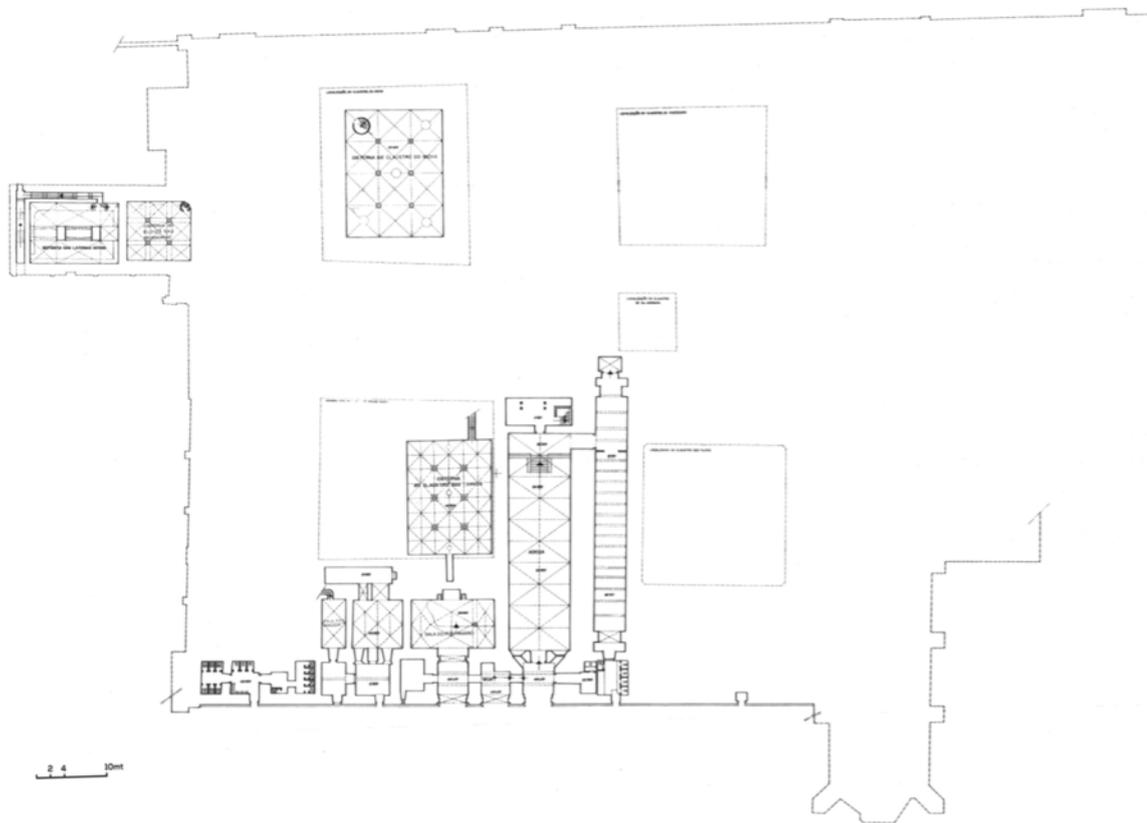
Gabriel Pereira | CEAACP - Universidade de Coimbra

O projecto *A prática arquitectónica no Renascimento: o Convento de Cristo de Tomar no reinado de D. João III*, inserido no âmbito de uma bolsa de doutoramento (UI/BD/151200/2021), procura analisar a reforma do edificado nas suas diferentes valências (fig. 1).

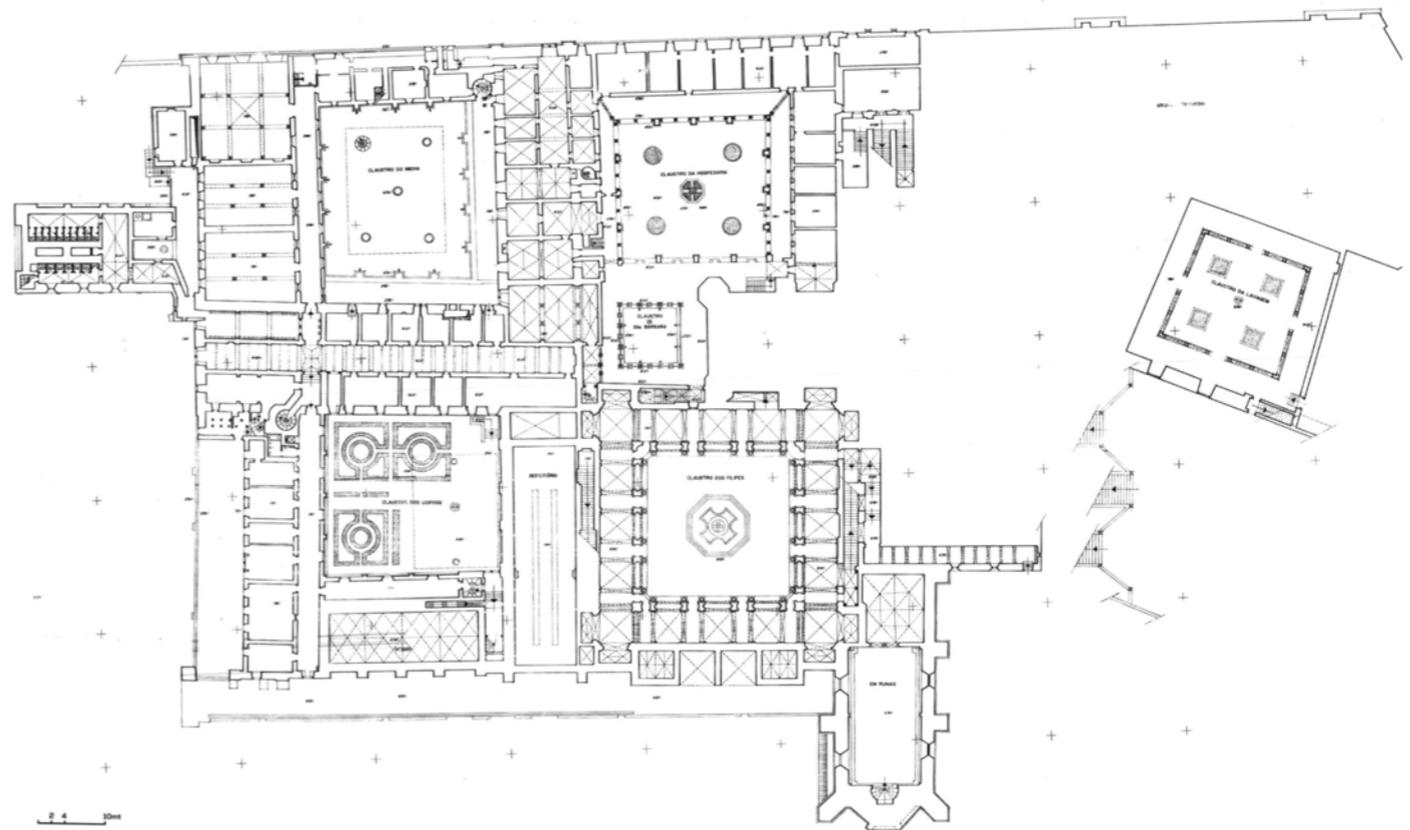
As obras tiveram início em 1530, dando continuidade à reforma espiritual iniciada no ano anterior, pois, como um cronista do século XVIII referiu, "o edifício espiritual devia ser acompanhado com o temporal, porque nam era Religião sem Convento". Para o sucesso da sua execução foi necessário um longo período de planeamento e preparação, justificando, desta forma, o desfasamento temporal entre o arranque das obras e a assinatura do contrato em 1533.

O primeiro objectivo deste projecto de doutoramento passará precisamente pela compreensão da vasta estrutura operativa instalada em Tomar durante mais de duas décadas. Além da temática se encontrar praticamente por estudar, Tomar (juntamente com o Mosteiro dos Jerónimos) desenvolve a mais vasta intervenção arquitectónica de todo o século XVI. Juntando ao edifício a considerável quantidade de documentação sobrevivente, constitui-se o exemplo ideal para a

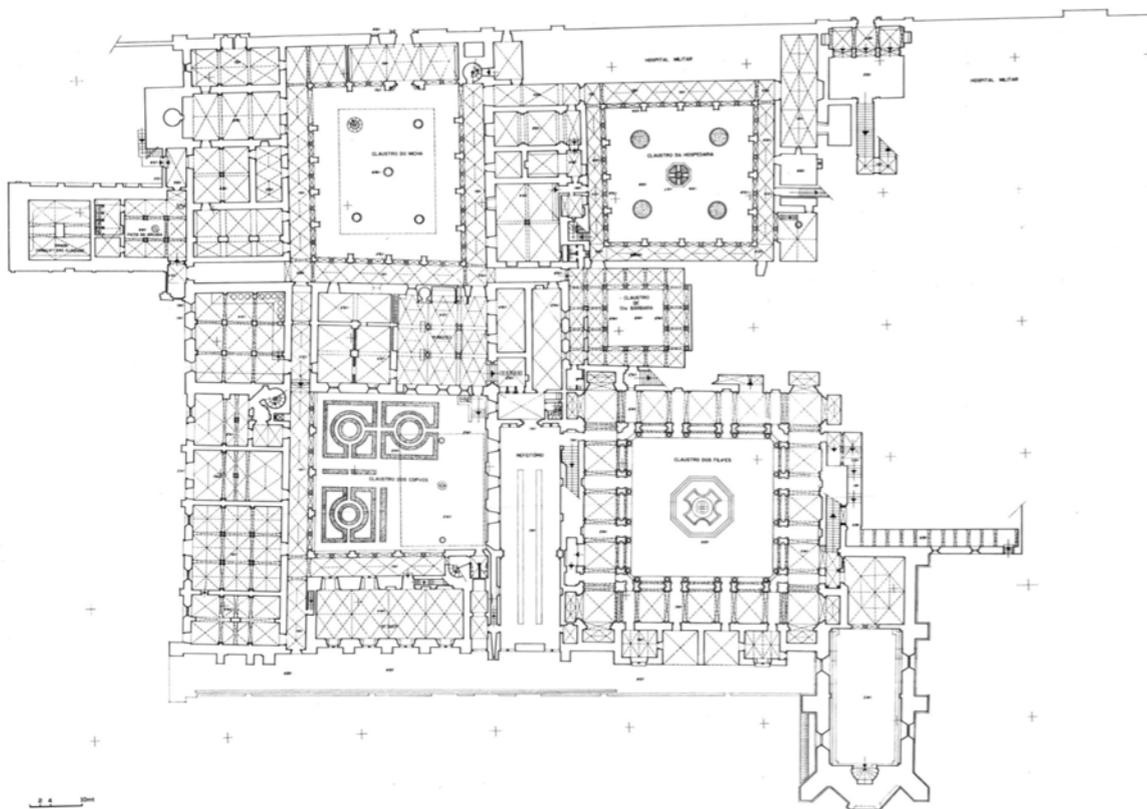
compreensão da arquitetura, na sua componente operativa, durante o Renascimento em Portugal. Neste domínio, será possível compreender uma parte considerável das medidas que possibilitaram o arranque e o bom andamento das obras. Será igualmente possível reconstituir a vasta estrutura operativa montada em redor de Tomar, com vertentes diversas, que vão desde a inspecção e manutenção das vias de comunicação (terrestres e fluviais) indispensáveis para a circulação de materiais, à gestão das matas e pedreiras de onde provinha a madeira e a pedra, ou as requisições decretadas pelo monarca e que obrigavam todos os oficiais ou animais de carga a servirem nas obras do Convento, se assim solicitados. Serão, ainda, analisadas as questões relacionadas com os custos e formas de financiamento da construção. Os resultados da investigação permitirão a compreensão dos mecanismos accionados para uma obra régia de grande fôlego, tal como, e através dos diferentes custos e salários auferidos em torno da obra, darão acesso à cadeia de prioridades estabelecidas em estaleiro; em última instância, verificar-se-á a operatividade de um processo vital para a consciência cultural e material do Renascimento – a conquista do estatuto social do artista.



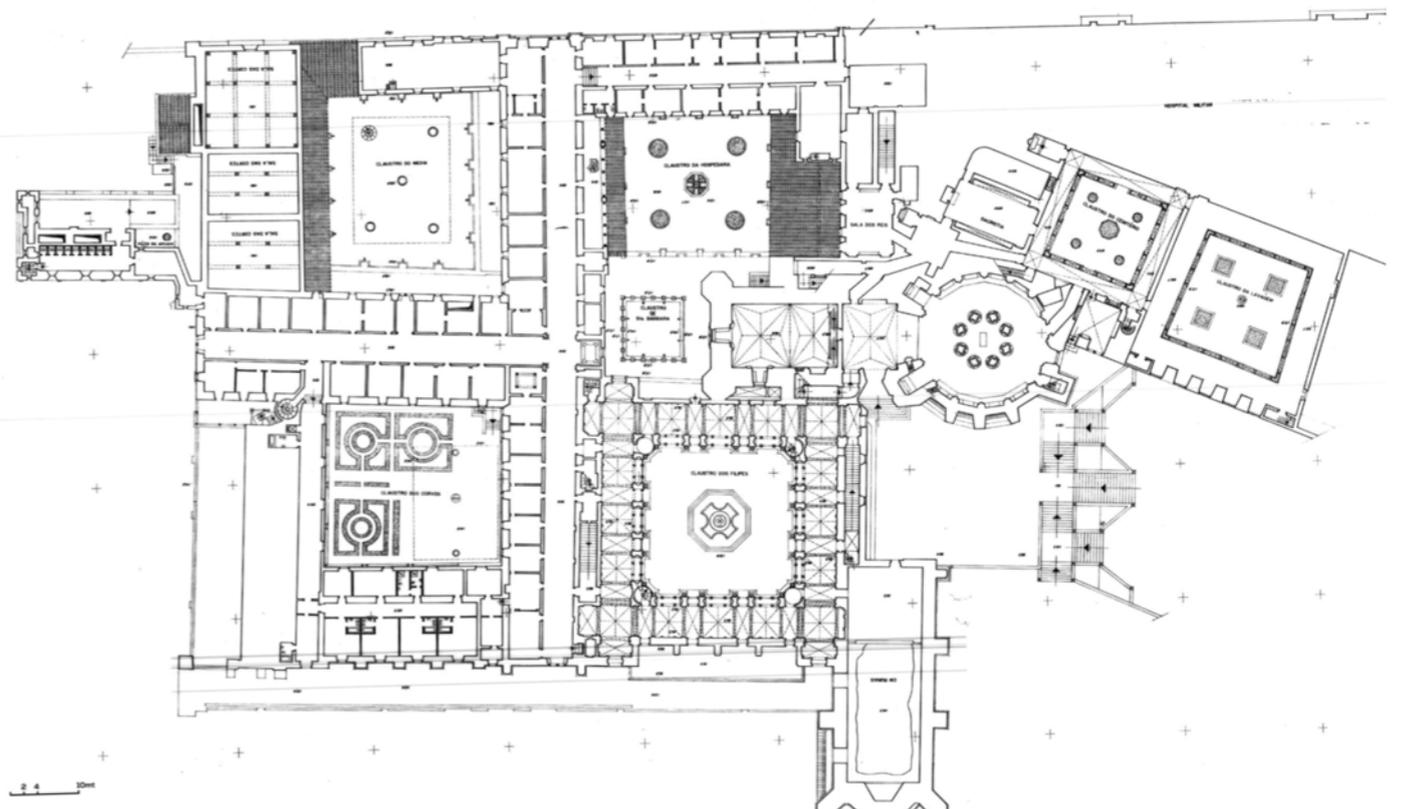
Piso 0



Piso 2



Piso 1



Piso 3

Outro grande objectivo do projecto passará pela compreensão do edificado no panorama artístico internacional, procurando estabelecer as devidas ligações ao Renascimento italiano, da Europa do Norte e Flandres e, ainda, as conseqüentes influências francesas e espanholas - via pela qual o Renascimento chegou a Portugal - podendo, posteriormente, evidenciar as especificidades (ou ausência delas) no território nacional. Neste sentido, recorrer-se-á aos arquivos, procurando encontrar novos dados que ajudem a esclarecer o evoluir da construção. Conjugando as fontes documentais com o Convento no seu estado actual, proceder-se-á à reconstituição da estrutura arquitetónica, colocando em destaque as sucessivas intervenções de adaptação do edifício a novas funções e os restauros dos séculos XIX e XX (fig. 2). Dar-se-á especial ênfase a áreas do edificado praticamente ignoradas pela bibliografia, por exemplo, as fundações do Convento, as cisternas (fig. 3), a adega (fig. 4), as dependências envolventes ao claustro das Necessárias ou as torres próximas do claustro principal. Para algumas destas zonas será possível cruzar as informações retiradas da análise do edificado e da pesquisa de arquivo com fotografias antigas (finais do século XIX e inícios do século XX) e até descrições do Convento como a que Frei Jerónimo Roman escreveu no início do século XVII.



Em cima - Desmantelamento parcial da torre do relógio, inícios do séc. XX (?). SIPA.

Página ao lado - Cisterna do claustro da Micha, c. 1545. Gabriel Pereira.





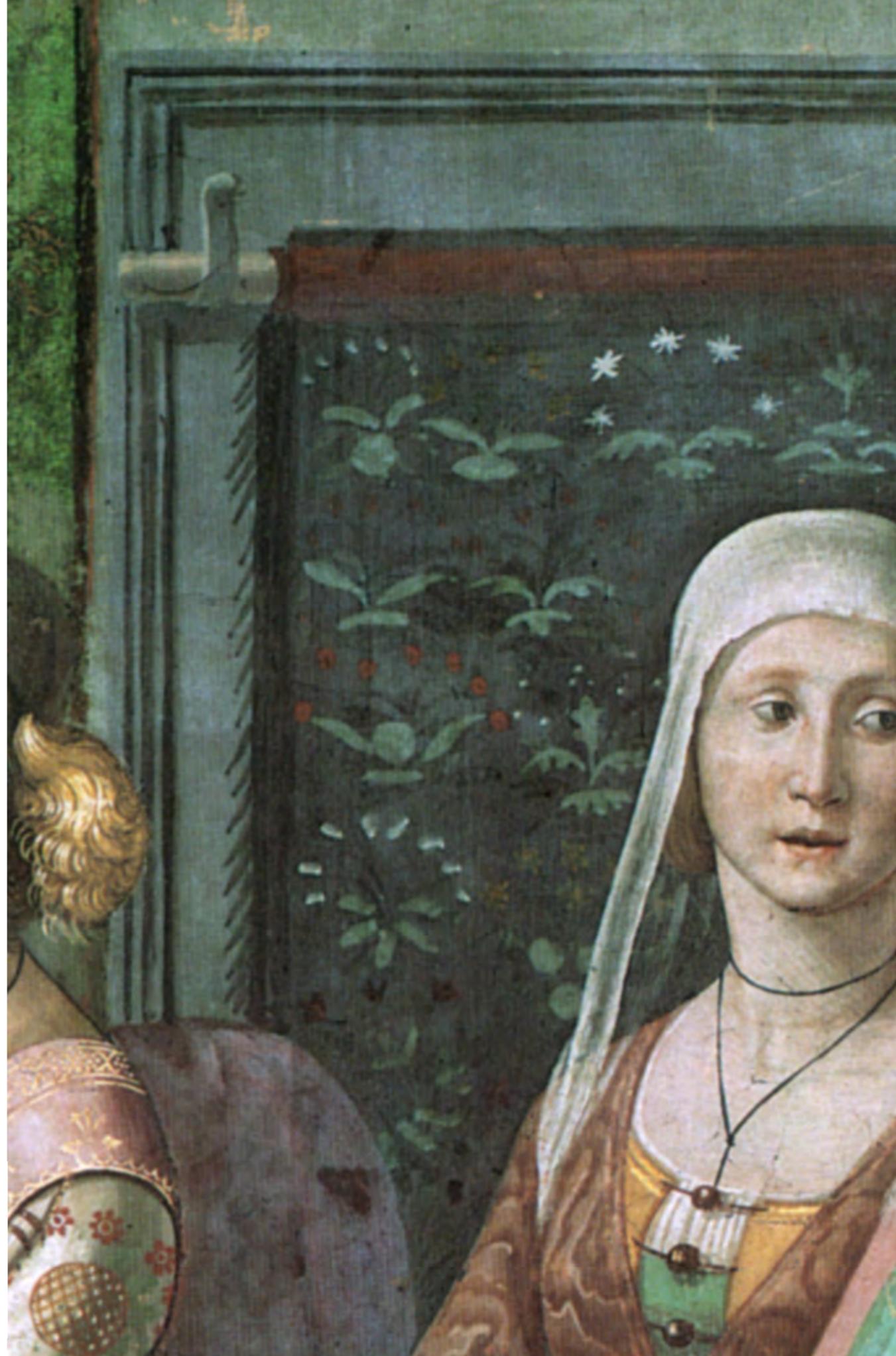


Adega, c. 1535. Gabriel Pereira.



Também a componente escultórica e a sua articulação com a arquitectura serão alvo de estudo (fig. 5). O Convento de Cristo possui um vastíssimo repertório decorativo e ornamental que ainda se encontra por analisar na sua globalidade, faltando igualmente perceber se existe alguma narrativa, ou outra lógica de funcionamento iconológico e visual, inerente ao mesmo. Aqui, além da identificação das temáticas e origem das representações gráficas, é novamente imperioso colocar este panorama artístico em comparação e confronto com o restante Renascimento europeu, em particular com determinadas regiões de Espanha, Itália e França. Será igualmente fundamental identificar os mestres responsáveis pela execução das obras de Tomar e compreender a sua organização hierárquica, nacionalidade e percurso formativo.

O estudo da prática arquitetónica é muito mais complexo do que a observação e análise do edificado sobrevivente, chegando a revelar-se enquanto elemento fundamental para a compreensão da própria sociedade do século XVI. Pretende-se, portanto, dar a conhecer de forma inteligível este vasto universo artístico e cultural, contribuindo para a sua divulgação, compreensão e salvaguarda.





Iconologia do espaço doméstico na pintura dos séculos XIV a XVI. Do fragmento à constelação

Marta Simões | CEAACP - Universidade de Coimbra

Este projeto tem por objetivo documentar, analisar e compreender o espaço doméstico tal como este se dá a ver e representa na pintura produzida na Europa dos séculos XIV a XVI. É nesta longa cronologia que o doméstico, categoria antropológica do quotidiano, irrompe de modo flagrante nas artes visuais em diversos suportes e geografias. A pintura, entendida aqui no seu sentido mais amplo, enquanto sistema de representação, constitui um outro modo de ver e apresentar o mundo pelos olhos de quem o (re)criou, reverberando-o ou distanciando-se dele. A observação rigorosa da pintura, produzida ao longo das três centúrias, permite detetar que há, de facto, um lastro de vivências e modos de representação do doméstico, enquanto cenário privilegiado de determinados temas iconográficos, partilhados por mecenas, comitentes e artistas que disseminam uma cultura visual comum ao longo de um território bastante alargado. Pese embora as coincidências detetadas no espaço e no tempo, é possível rastrear formas de apropriação e conformação do espaço doméstico territorialmente circunscritas.

Jacopo di Cione e Nardo di Cione (atrib.), *Anunciação*, c. 1360-69. Calenzano, Pieve di San Niccolò. [[@wikipedia](#)]





Oberrheinischer Meister (Meister des Paradiesgärtleins), *Anunciação*, c. 1420-30. Winterthur, Musée Oskar Reinhart. @<https://www.roemerholz.ch/sor/de/home/museum/die-sammlung/epochen/deutschland--frankreich-und-oesterreich-15--und-16--jahrhundert/oberrheinischer-meister--die-verkuendigung-an-maria--um-1420-30.html>

O exercício a que nos propomos permitirá igualmente clarificar e estipular marcas identificativas dos espaços que podem ser considerados domésticos, importando, por isso mesmo, debater a própria noção da qual parte este projeto. Será ainda da maior importância rever dicotomias tradicionalmente plasmadas na historiografia que assentam em distinções e binómios que não são seguramente estanques e que se interpenetram, como aquelas efetuadas a partir das relações público/privado, exterior/interior, familiar/coletivo, masculino/feminino. Binómios supostamente antitéticos que nem sempre se mostram adequados, uma vez que a realidade é composta por diferentes camadas que se entrelaçam de maneira mais densa e dinâmica, não se compadecendo com a simples oposição de valores, em que um se aplica e o outro é o seu oposto.



Autor desconhecido (activo na Suábia) *Virgem da Anunciação*, Retábulo de Kilchberg, c. 1475. Rottenburg, Diözesanmuseum. [[@ wikipedia](#)]

A partir das últimas décadas do século XX, os trabalhos de investigação multiplicaram-se de forma exponencial a um ritmo quase frenético e obsessivo, atraídos pelo doméstico, pelas formas de habitar, pela forma como o homem vivia no quotidiano e na sua esfera mais íntima. O doméstico faz agora os títulos de numerosas publicações. Ainda assim, julgamos que a imagem (e aqui, referimo-nos à pintura) continua a ter um papel fundamentalmente ilustrativo tal como tinha nos primeiros trabalhos historiográficos. O documento escrito e a dependência deste continuam a marcar os estudos que tratam (d)o doméstico e continuam a utilizar a iconografia como auxiliar e não como objeto de estudo próprio.

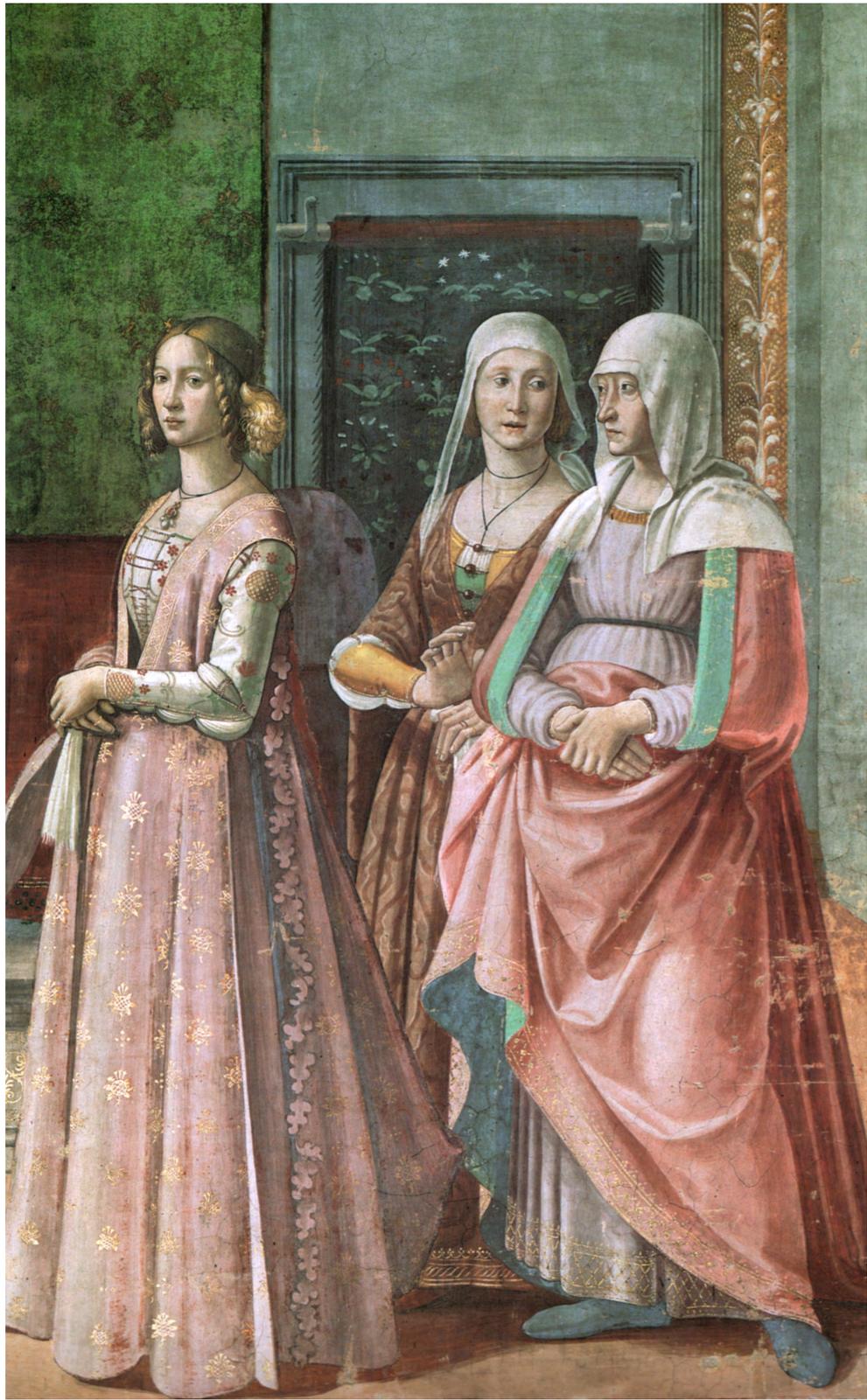
Petrus Christus, *Virgem com o Menino e S. José*, c. 1460-67. Kansas City, The Nelson-Atkins Museum of Art. [\[wikipedia\]](#)





Uma vez que o projeto implica o confronto e o diálogo entre centenas de imagens produzidas entre os séculos XIV e XVI, a sua sistematização passa pela composição de um atlas visual composto por múltiplos painéis (clusters) que congregam e sintetizam as semelhanças e as diferenças, os pontos de conexão e distinção. O referente metodológico encontra-se no trabalho seminal de Aby Warburg com o seu *Der Bilderatlas Mnemosyne* o qual, constituindo-se como um meio de composição multiforme e um processo de contínua montagem, permite fazer e desfazer ligações entre diferentes imagens e os seus referentes, apontar linhas orientadoras de investigação bem como captar contradições, ou ainda integrar e destituir. Deste modo, será possível trabalhar a partir de fragmentos, isto é, de detalhes da própria pintura que, em associação com os seus múltiplos, possibilitarão a ativação de constelações de imagens e, portanto, de ideias antes impensáveis ou invisíveis.

Com esta abordagem, e na linha do proposto por Daniel Arasse, estamos a reclamar um lugar teórico, epistemológico e metodológico para o detalhe na pintura e para um entendimento do doméstico que passa pelo olhar atento e contextualizado do objeto, inscrito no âmbito de um cenário muito mais complexo (a pintura na sua totalidade) e envolto em camadas temporais muito densas e que é preciso escrutinar (o tempo em que tiveram existência, o tempo da pintura que pode ser concomitante ou não, o tempo da historiografia e o nosso tempo). Em suma, este é um projeto que pretende olhar a imagem a partir de diversos prismas: primeiro no seu todo, depois recortada e montada e, por fim, (re)interpretada à luz do todo de onde partimos.





À esquerda: Domenico Ghirlandaio, *Nascimento de S. João Baptista* (detalhe), 1486-90. Florença, Santa Maria Novella, Capela Tornabuoni. [[@ wikipedia](#)]

Ao centro: Jost Haller, *Anunciação*, c. 1450-60. Basileia, Kunstmuseum. [[@ wikipedia](#)]

À direita: Jan Van Coninxloo, *Anunciação* (detalhe), Retábulo da vida da Virgem, c. 1541-60. Vorst, Igreja de S. Dionísio. @ <http://balat.kikirpa.be/photo.php?path=X003730&objnr=20005743&lang=en-GB&nr=1134>





Arqueologias da Presença em Passados Simulados.

Vestígios da paisagem proto-histórica
entre os rios Douro e Ul-Antuã

Pedro da Silva | CEAACP - Universidade de Coimbra



Marcada por visões românticas do séc. XIX e interpretações étnico-culturais do séc. XX, a arquitetura da proto-história na região norte de Portugal apresenta hoje uma complexidade formal que interpela investigadores e diferentes audiências. Estes tipos de sítios poderão evidenciar, por um lado, uma diversificação conceptual entre as diversas comunidades proto-históricas e, por outro, códigos e conceitos simbólicos, artísticos e de monumentalização que se parecem cruzar. O programa de trabalhos aqui apresentado pretende promover novas leituras através da análise de sítios localizados entre os rios Douro e Ul-Antuã, ocupados entre os séc. VIII a.C. e I. d.C..

O estudo destes sítios institucionalizados passa da (re)construção 3D em plataforma de jogo para a curadoria de interpretações artísticas contemporâneas, explorando estes espaços virtuais/reais como objetos para alargar a interpretação arqueológica. Importa, acima de tudo, as arqueologias da presença: estabelecer diálogos entre arqueólogos, curadores e artistas-visuais, e procurar ampliar a interpretação dos sítios, através da criação de exposições orientadas pela visualidade e conceção da experiência cultural contemporânea de um passado que será sempre simulado.

Página ao lado - Estúdio de produção cerâmica do coletivo artístico Pedra no Rim, no Bonfim, Porto (Fotografia de Rudi Navarro, 2022). A produção cerâmica dos despojos da cidade questiona, entre outras coisas, o que se mantém ou se perde de original ou identitário da cidade e do bairro, da comunidade local e suas culturas. Camélias, lingerie, perucas, fanecas, gaivotas, sacos, sapatos, varejas, rebuçados, polvo, sapatilhas, pombas esventradas. A partir de artefactos vários, os artistas desenham um mapa que questiona os bonfinenses, em particular, e todos os outros que passam pelo seu estúdio. Questionam-se a si mesmos, os habitantes e as estruturas políticas e socioculturais locais.



Avatar da Simulação Arqueológica – (re)construção 3D do povoado proto-histórico de Romariz

As primeiras grandes referências para o estudo da proto-história no norte de Portugal surgem com as publicações de Martins Sarmiento ao longo do séc. XIX. Posteriormente fomentadas por autores como Mário Cardoso, Santos Júnior, entre outros, cristalizou-se, até finais do séc. XX, a ideia de que "não só a forma das casas circulares, mas o seu aparelho, é tão semelhante, que se diriam feitas pela mesma mão" (Sarmiento, 1933, p. 168). Foram sendo aplicadas narrativas socioculturais às leituras arquitetónicas, defendendo-se, por exemplo, que alguns edifícios das "unidades de arquitetura doméstica (...) sugerem uma função pública de carácter religioso ou político" (Silva, 1983, p. 124). Não obstante a ampla tradição na publicação de estudos sobre os designados 'espaços domésticos' proto-históricos, sugeriu-se já que os vários trabalhos divulgados demonstram dificuldades em oferecer perspetivas inovadoras sobre o assunto, carecendo ainda de revisão/sistematização os dados hoje disponíveis para a totalidade da problemática sobre a proto-história em regiões como a do entre o Douro e Vouga (Silva, 2003).

A arqueologia digital alarga as estratégias de análises arquitetónicas e urbanísticas e serve, neste contexto, como ferramenta para alcançar novas leituras e resultados. Toma-se como exemplo o projeto "Okapi Island", uma (re)construção do sítio Çatalhöyük (Morgan, 2009). Um dos objetivos dos arqueólogos responsáveis foi alcançar novas conclusões científicas e epistemológicas, enquanto mergulhados/presentes no mundo recriado em 3D. O mesmo tem sucedido com o projeto "Romariz 3D" (Silva, 2013), entretanto "Simulação Arqueológica" (Silva, 2021) que, enquanto metaverso, é capaz de abarcar todo o espaço temporal e paisagístico da proto-história. As reconstruções digitais têm-se constituído como ferramentas integradas na investigação arqueológica, uma vez que a realidade simulada aumenta a capacidade de incluir nos estudos e na interpretação a crítica, pelos aspetos sensoriais que os investigadores alcançam. Em termos expositivos e de divulgação, poderão ser aplicadas diferentes e inovadoras formas de contar histórias da arqueologia nos museus, replicando esse efeito multissensorial no público-geral.



Resultados da prospeção geofísica por georadar no povoado proto-histórico de Ovil, no âmbito do projeto ARQ-EDOV (registo cedido pelo arqueólogo municipal de Espinho, Dr. Jorge Salvador)

A arquitetura e o urbanismo dos povoados proto-históricos da região norte de Portugal têm integrado discursos que, a diferentes escalas, contribuem para a elaboração de novas parcelas teóricas que se vão acumulando no paradigma vigente. O objetivo transversal deste projeto é estudar, de forma articulada, as formas de monumentalização na paisagem entre Bronze Final e Idade do Ferro, procurando caracterizar o quadro em que se inserem os povoados proto-históricos de Romariz e Ovil. Simultaneamente, este projeto procura entender e expor as relações políticas e sociais em torno destes sítios institucionalizados, fomentando, por fim, novas formas de transmissão do conhecimento arqueológico para o público geral a partir de metodologias curatoriais da arte contemporânea. Desde o final do séc. XX, inúmeros sítios arqueológicos parcialmente escavados, seriam reerguidos pela continuada formulação ‘cultura dos castros’, agrupados num enredo que prometia um correto ordenamento territorial, a criação de estruturas destinadas à investigação, projetos de conservação e marketing e, acima de tudo, elevar estes sítios à categoria de Património da Humanidade no âmbito da UNESCO. A esta condição, que implica silenciamento e abandono, designamos ‘sítios institucionalizados’.

É ao longo desta reconstrução arqueológica que será feita toda a sistematização e análise dos dados recolhidos, procurando descodificar o papel das arquiteturas nas práticas sociais e vislumbrar as transmutações do solo epistemológico da proto-história. Testemunhar-se-á, ainda, a (re)construção dos povoados proto-históricos enquanto performance, explorando, com os corpos virtuais em 3D, uma experiência tangível ou como representação teatral. Desta forma, a performance desafiará o conceito de corpos arqueológicos (ambos humanos e inanimados) como traços estáticos ou representações de um passado vivido hoje.

O projeto tem-se desenrolado em duas vertentes teórico-práticas, ambas adaptadas à conjectura precária da área da cultura e, mais especificamente, da arqueologia: uma, em trabalho de gabinete, e outra, em trabalho de campo. Se para ambos os sítios-chave houve um parecer positivo e declaração de apoio ao desenvolvimento deste projeto (por parte das instituições políticas a que cada um obedece), a verdade é que a realidade tem sido manifestamente diferente entre Santa Maria da Feira (onde se insere Romariz) por um lado, e Espinho (onde se insere Ovil) por outro:

A primeira realidade, a de Romariz (povoado proto-histórico romanizado), é marcada pela ausência, característica fundamental para o debate de relações da presença na prática arqueológica. Aquele sítio arqueológico é então acedido na sua versão virtual, ou simulada, e a especulação artística é aplicada em pós-escavação. Como aceder a um registo estratigráfico que se encontra à reserva e, portanto, inacessível? Se a grande maioria das referências bibliográficas disponíveis para este sítio dão ênfase a artefactos de luxo, por sua vez ligados a uma elite na antiguidade, a cartografia do sítio só poderá ser feita em torno daqueles artefactos da designada 'cerâmica comum'. Que histórias poderão ser contadas a partir dela? Que curiosidades podem ser reveladas pela leitura de diários de arte-arqueologia?

A segunda realidade, a de Ovil (povoado proto-histórico não romanizado), é marcada pela abertura e cooperação por quem dele é responsável. Igualmente institucionalizado, o sítio passou por um processo a que viemos designar de 'rolling stones'. Naquele palimpsesto, as pedras que outrora compuseram abrigos e resguardos na proto-história foram rolando, transportadas pelo monte e (re)utilizados em novos solos epistemológicos: foram proteção de gentes e seus animais entre os anos 800 e 1100 (Azevedo, 1987), foram casa de um escudeiro fidalgo e sua família em 1400 e foram fábrica de papel entre 1836 e 1970 (Bernardes, 2005). Se estas falassem, que testemunhos dariam? O sítio é acedido e a especulação arqueológica é aplicada em proto-escavação; são registados processos pós-nostálgicos e libertados os espetros do espartilho asfixiante da arqueologia classicista. Este exercício da imaginação artística e arqueológica será basilar para a (re)construção 3D a partir da prospeção geofísica feita naquele sítio.



Arqueologia das Presenças, Povoado Proto-Histórico de Romariz – João Gomes Gago & Pedro da Silva (Produção 2021) – por uma psicometria arqueológica, este trabalho proporcionou uma sinestesia pela arte contemporânea; foi como transmogricular presenças de uma outra dimensão temporal ou arqueológica, fazendo-as dialogar pela imaginação.



Arqueologia das Presenças, Povoado Proto-Histórico de Romariz – João Gomes Gago & Pedro da Silva (Produção 2021) - Numa relação entre o olhar contemporâneo e o solo epistemológico da proto-história, transformou-se visualmente a designada 'cerâmica comum' que nos chegou de um passado inatingível, para que esta fosse experienciada de diferentes formas.



Arqueologia das Presenças, Povoado Proto-Histórico de Ovil - Take Over de Performance-Arqueologia, 18 de Outubro de 2022 (Organização de Pedro da Silva, Inês Moreira e Beatriz Duarte; Fotografias de Cristianne Melo, 2022) – Pela prática pós-nostálgica e entre ruínas da proto-história, o artista João Gomes Gago pinta um espetro, como que escavando arquiteturas com a ajuda de um pincel. Por fim, o espetro é transportado e libertado nas ruínas da antiga fábrica de papel, onde repousam também pedras do antigo povoado.

Pretende-se, com este projeto, criar novos meios de comunicação da ciência, tornando-a socialmente relevante. Para alcançar este objetivo, propõe-se explorar novas ferramentas tecnológicas e a arte-arqueologia para a divulgação digital e expositiva dos resultados da investigação arqueológica. Uma das fases essenciais do projeto prende-se mesmo com esse trabalho curatorial e museográfico. O resultado final da investigação terá como finalidade o estímulo à participação e, conseqüentemente, a promoção de sociedades inclusivas, por novas e inovadoras exposições da arqueologia e arte contemporânea. São múltiplas as ações propostas no cronograma deste projeto para a transferência de tecnologia e conhecimento para a comunidade científica nacional e internacional, incluindo a publicação sistemática de artigos e a participação em eventos de referência.

À luz de correntes arqueológicas enquadráveis no que se convencionou chamar 'pós-processualismo', assim como pelo pensamento divagado da arte contemporânea, visa este projeto historiar e problematizar o paradigma cristalizado para estes sítios institucionalizados, assim como encontrar novas formas de expor a história e a arqueologia à comunidade científica e ao público-geral. Este projeto torna-se, por si mesmo, insubmisso: ele transporta o debate e a crítica consigo próprio, com o investigador que o conduz e entre este e os seus pares da arqueologia e da arte contemporânea.



Referências

AZEVEDO, Pedro A. (1897). O território do antigo Castro de Ovil. *O Archeologo Português*. Lisboa. 3, p. 137-142.

BERNARDES, Joana (2005). A Fábrica de Papel Castelo (Paramos, Espinho) - Contributo para o estudo da indústria de papel no concelho de Espinho. A Apologia do Latim - In *Honorem Dr. Miguel Pinto de Meneses (1917-2004)*. Vol. I, pp. 327-345. Lisboa: Edições Távola Redonda

Sarmiento, F. M. (1933). *A propósito de castros. Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia, epigrafia e arte pre-historica*, pp. 165-172. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Silva, A. C. F. (1983). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal: Habitat e Cronologias. *Portvgalia*, 04-05, 1983-1984. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Silva, A. (2003). O Projecto Paivar, um Plano de Investigação Arqueológica de Âmbito Regional. *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, I Série vol. 2, pp. 199-222. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Morgan, C. (2009). (Re)Building Çatalhöyük: changing virtual reality in archaeology. *Archaeologies*, Nº 5, pp. 468-487.

Silva, P. (2013). *A Informática e Multimédia Aplicadas à Investigação Arqueológica - A modelação 3D do Castro de Romariz e a sua aplicação numa plataforma de jogo*. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Silva, P. (2021). Simulação Arqueológica. *Caderno de Resumos - VI Jornadas de Pré e Proto-história da FLUC - Territórios e Materialidades - Revelações e Desafios na Construção do Conhecimento das Sociedades Pré e Proto-Históricas*, pp. 42. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.





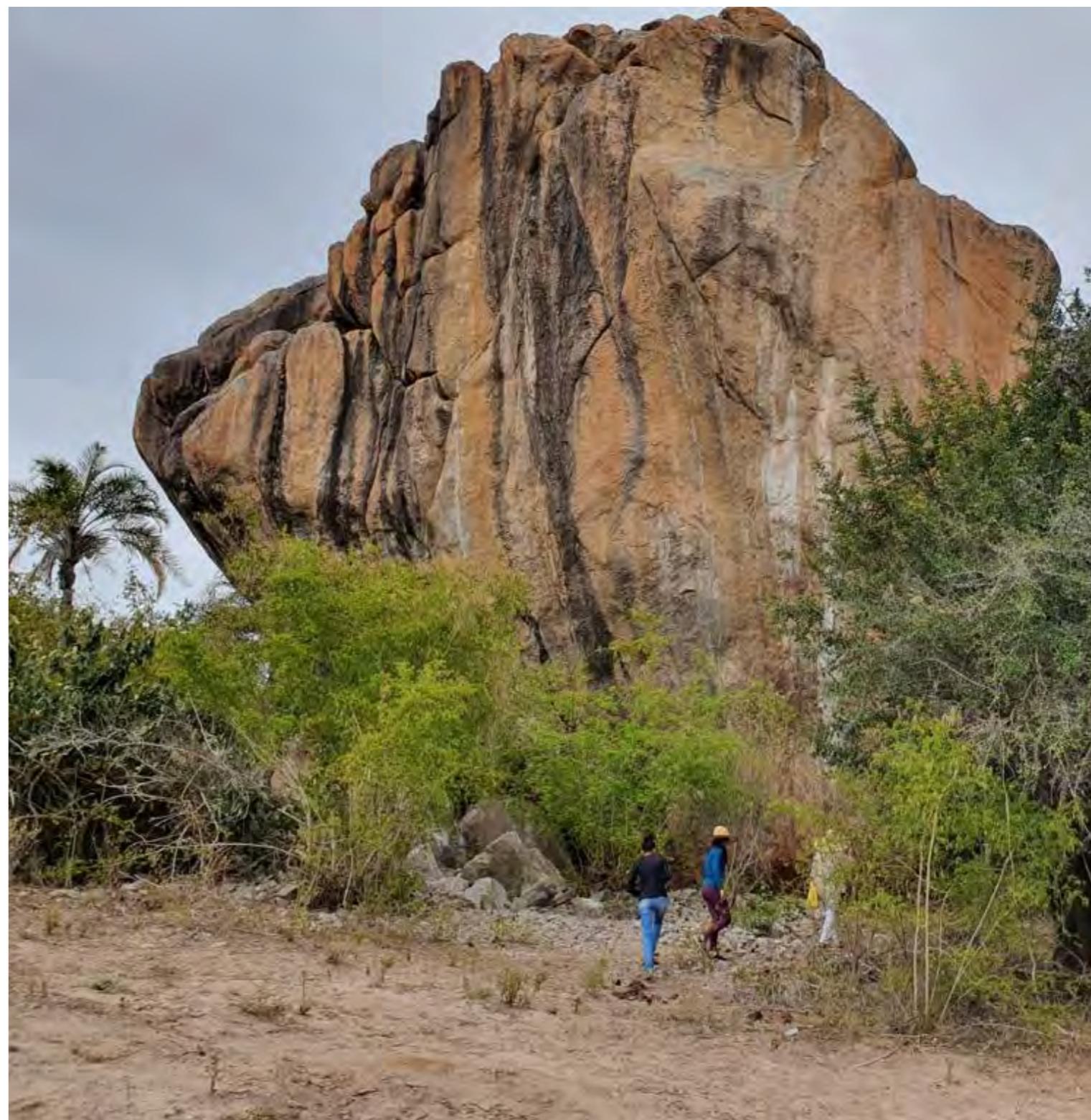
Variabilidade geológica e desafios da conservação de sítios de representação rupestre.

Os casos do Vale do Côa (Portugal) e Chapada Diamantina (Brasil).

Viviane da Silva Santos |
CEAACP - Universidade de Coimbra

Os sítios de representação rupestre são patrimônios da humanidade, monumentos de valor incomensurável e devem ser compreendidos como tal, no que tange ao seu valor histórico, documental e à sua singularidade. Estudos de natureza conservativa são fundamentais para que se estabeleçam parâmetros seguros, que reflitam de maneira rigorosa o estado de conservação e as deteriorações que acometem o suporte rochoso e as representações rupestres.

O texto aqui apresentado traz um recorte do projeto de investigação de doutoramento há pouco, apoiado com bolsa FCT em convênio com a Fundação Côa Parque. Insere-se nos estudos de preservação dos sítios de representação rupestre e tem como objetivo principal a caracterização e análise de sítios de pinturas encontrados em rochas de granito no Vale do Côa e nos quatro grandes domínios geológicos baianos (calcário, arenito, granito e quartzito), encontrados na Chapada Diamantina e visa criar metodologias que possam garantir a conservação destes sítios, agindo de maneira ativa sobre os agentes de degradação e preventiva sobre os suportes rochosos.





À esquerda - Um dos três blocos graníticos que compõem o sítio Entre Morros, no município de Itatim, Chapada Diamantina. Fotografia: Mirta Kelen Barbosa, 2021.

À direita - Vista sobre o desfiladeiro da Faia. Fotografia: Mário Reis (Reis et al. 2022: 18).

Vale do Côa

Revelada nos anos 90 do século XX a Arte Rupestre do Vale do Côa é um importante patrimônio arqueológico presente no território português. Inscrito pela UNESCO na Lista de Patrimônio Mundial, apresenta uma distribuição de gravuras e pinturas espalhadas pelo seu espaço, divididas nos eixos fluviais do rio Côa e do rio Douro. Em consequência do interesse patrimonial e cultural do local, foi criado o Parque Arqueológico do Vale do Côa, atraindo visitantes e pesquisadores, contribuindo para a geração de empregos através do desenvolvimento do turismo na região e projetando o local a nível nacional e internacional.

Composto em sua grande maioria por sítios de formação metamórfica em xisto-grauváquico, caracterizados por constituir-se em painéis lisos de inclinação vertical, gerados pelo gradual encaixe do rio, com tendência natural para a fratura. Esta característica determina qualquer abordagem de realização de ações de conservação *in situ*, sendo indispensável perceber que é impossível estabilizar completamente estes afloramentos rochosos. Em casos como este, recomenda-se a monitorização da evolução das dinâmicas erosivas e da estabilidade dos afloramentos (FERNANDES, 2004, p.12).

Formados por domínios geológicos diferentes dos xistos, os afloramentos do Núcleo de Arte Rupestre da Faia, situam-se sobre granitos sintectônicos, do tipo Mêda-Escalhão em cor cinzento-clara, grão médio e duas micas, (Ribeiro, 2001, p. 30 *apud* Fernandes, 2004, p.11). Sendo este, um dos sítios objeto de análise nesta proposta de trabalho, é composto por pinturas e gravuras, divididas por seis sítios [1] que acompanham o curso do rio Côa ao longo de 800m na sua margem esquerda, apresenta gravuras abradidas, picotadas e pintadas, com motivos zoomórficos naturalistas.

Acerca da preservação das pinturas encontradas nos sítios localizados no PAVC, registra-se que estão situados em pequenos abrigos naturais ou superfícies que por conta das suas características próprias, proporcionou a existência de um escudo protetor a estes motivos. Por outro lado, questiona-se se as superfícies menos protegidas, que apresentam somente motivos gravados, foram no passado, objeto de figurações pintadas. Sabe-se que as superfícies graníticas apresentam dinâmicas de erosão diferentes às dinâmicas relacionadas o xisto, contudo estão igualmente sujeitas as ações das influências das águas, impactos acidentais ou intencionais, ação animal, alterações químicas e físicas da rocha, colonizações de bactérias, fungos, líquens, insetos, etc (FERNANDES, 2004, p.17).



Vista de verão da zona central da Faia. Fotografia: Mário Reis (Reis *et al.* 2022: 18).

As discussões que se ocupam de refletir as dinâmicas de preservação dos sítios arqueológicos de arte rupestre no continente europeu, começaram após as evidências de degradação da caverna de Lascaux, ocasionada pela colonização de algas. Neste caso, foram realizados estudos para definição do ecossistema da caverna e foi proposto uma intervenção climática como método para controle da deterioração. Na península ibérica, o primeiro estudo desta natureza foi realizado em Altamira, frente a evidente degradação de uma das salas da caverna, acarretada pela excessiva quantidade de visitantes. Como desdobramento das ações de conservação do local, foi estabelecido um restrito regime de visitas que se mantém até hoje (CARRERA RAMIREZ, 2002, p.9).

No contexto da criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa, foi exigida a criação de um Programa de Conservação de Arte Rupestre, produzido pelo PAVC em parceria com IDAD (Instituto de Desenvolvimento) da Universidade de Aveiro, específico para os sítios de arte rupestre, que começou a ser desenvolvido e coordenado a partir o ano 2000, com objetivo de entender, monitorar e prevenir os efeitos dos mecanismos que afetam ou podem vir a afetar a

estabilidade dos afloramentos rochosos. Este programa, expôs as opções estratégicas e conceituais de preservação e conservação que vinham sendo postas em prática, e divide-se na apresentação das ações programáticas, onde se propõe o registro, a monitorização, a avaliação, a experimentação e a elaboração de estudos detalhados, preenchimento de uma base de dados interligada a outros setores do PAVC, protocolos de estágio, formação, classificação, divulgação e envolvimento da população e do grande público na proteção ao patrimônio arqueológico (FERNANDES, 2004, p. 19-33).

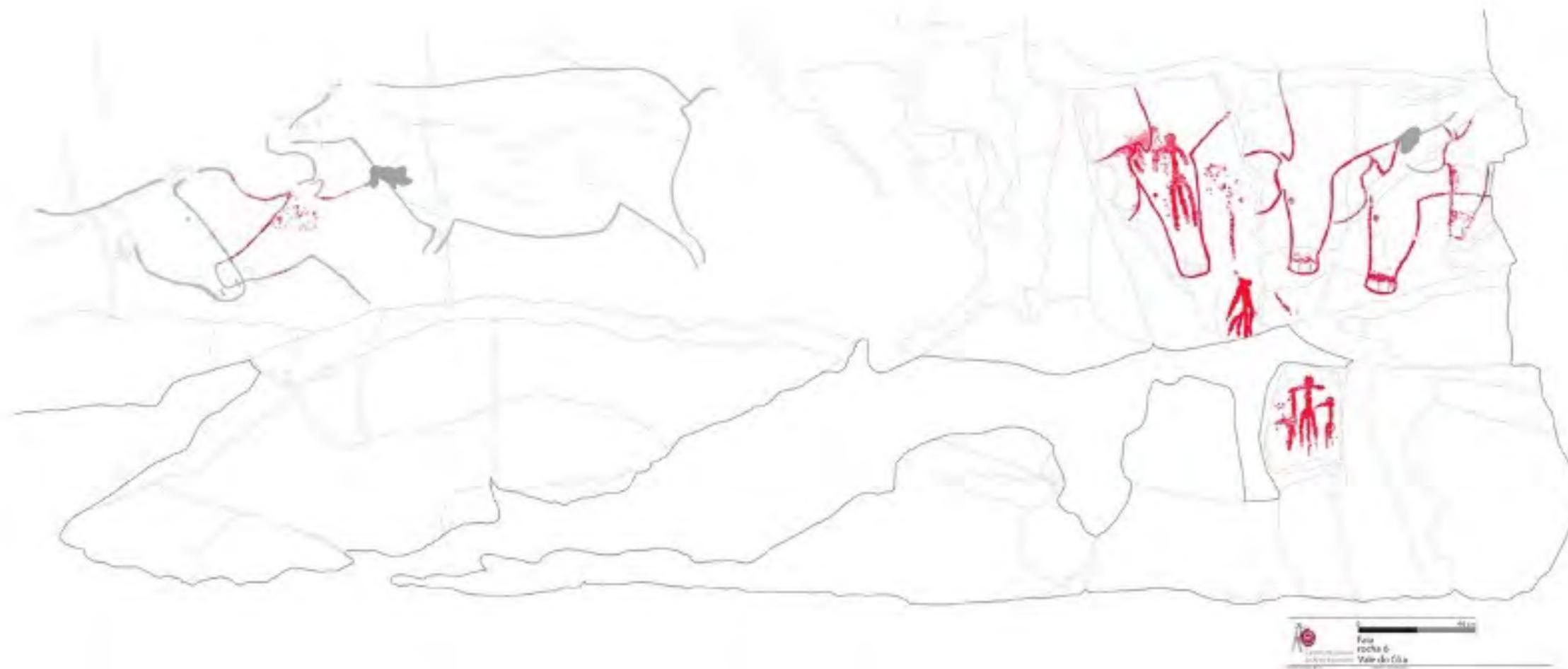
No ano de 2008 a publicação “A arte da conservação: técnicas e métodos de conservação em arte rupestre”, divulgou experiências de conservação aplicadas no Vale do Côa nos últimos dois anos anteriores, feitas em rochas tipo – afloramentos sem gravuras mas com dinâmicas erosivas semelhantes a das rochas insculturadas -, bem como apresentou as soluções propostas por empresas de conservação de pedra, que realizaram estudos, com o intuito de mitigar as dinâmicas erosivas nos afloramentos de arte rupestre.

Em 2012, Fernandes publica a tese de doutoramento de nome “Natural processes in the degradation of open-air rock-art sites: an urgency intervention scale to inform conservation”, que teve como objetivo, investigar modos de garantir a conservação dos sítios de arte rupestre ao ar livre no Vale do Côa, identificar os agentes de degradação natural dos afloramentos rochosos em xisto grauváquico, criar um método adequado para avaliar seu estado de conservação e desenvolver uma escala de urgência para intervenções de conservação.

Além dos trabalhos citados, identificamos outros artigos relacionados à gestão, à realização de estudos e escavações em sítios do PAVC. Contudo, o cenário apresentando, ainda assinala escassez bibliográfica sobre as dinâmicas de conservação de sítios de arte rupestre em ambientes externos, no domínio do granito. No presente momento, passados alguns dias após a contratualização da bolsa de investigação FCT/FCP, serão iniciadas as pesquisas de campo no sítio arqueológico da Faia.



Rocha 1 da Faia com representação de pinturas e reprodução de pintura ao lado direito. BAPTISTA, M.A. No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos pós-glaciares. Vila Nova de Foz Côa:PAVC, p. 160.



Nesta página - Rocha 6 da Faia com representações de gravuras e pinturas antropomórficas. (BAPTISTA 1999: 156-157).

Página ao lado - Rocha 2 do sítio Entre Morros, com utilização de filtro do aplicativo Dstretch. Na imagem é possível observar diversidade de pinturas rupestres com representações antropomórficas e geométricas, sobrepondo desenhos em cor amarela. Fotografia: Mirta Kelen Barbosa, 2021.



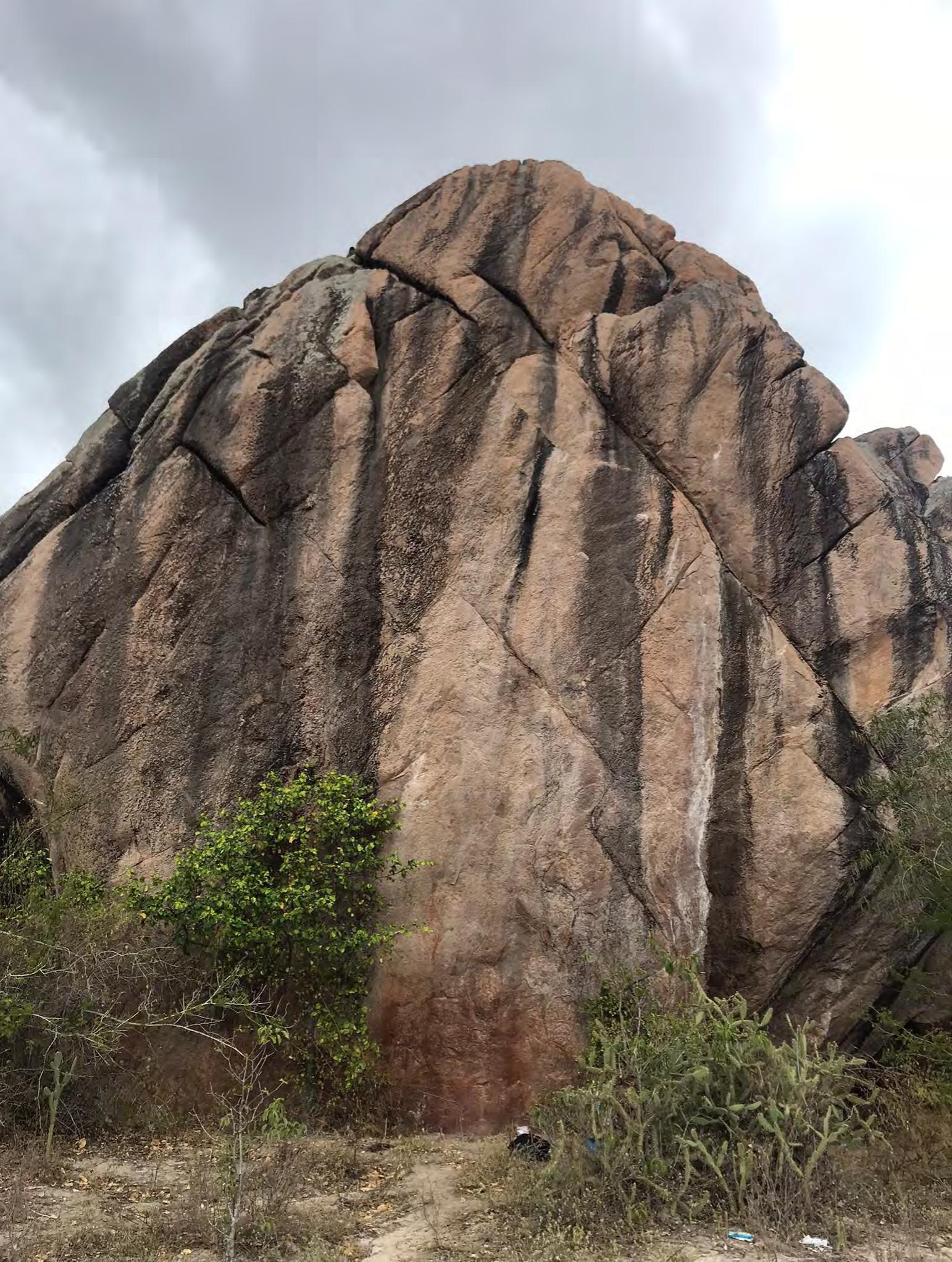
Chapada Diamantina

O estado da Bahia apresenta importante variação geológica, a qual serviu como suporte para a realização de representações rupestres no período pré-colonial. Essa variação pode ser visualizada através da observação dos relevos do estado, que estão divididos em oito unidades morfológicas, sendo elas: da Planície Costeira ou Litorânea, da Bacia Sedimentar Recôncavo- Tucano, do Planalto Costeiro, do Planalto Sul-Baiano, da Chapada Diamantina, do Chapadão Ocidental do São Francisco, da Serra Geral do Espinhaço e da Depressão Periférica ou Interplanáltica.

Considera-se que as características dos domínios rochosos foram preponderantes na escolha dos locais para instalação humana e na sua utilização como suporte para as representações rupestres. O formato topográfico, a textura das rochas, a iluminação, o acesso e a visibilidade, como também a coloração das rochas, tudo isso foi decisivo para a escolha dos locais no passado e influenciou na preservação até os dias atuais dos registros ali realizados (ETCHEVARNE, 2007, p. 90).

Observa-se, por exemplo, que as rochas areníticas, geralmente utilizadas como suporte de representações rupestres em ambientes externos, são mais resistentes à erosão, em decorrência da sua composição mineralógica. Os arenitos com cimentos silicosos são mais resistentes à erosão do que os com cimento calcário ou argiloso (ECTHEVARNE, 2007; LAGE, BORGES E JÚNIOR, 2005).

Diferente dos arenitos, as rochas graníticas apresentam texturas irregulares, por conta da estruturação dos minerais em sua composição, favorecendo a proliferação de microrganismos, como líquens e musgos, que podem vir a prejudicar a integridade das pinturas. Observa-se que o ataque de agentes biológicos é mais intenso nesse tipo de parede do que em outros tipos de rocha (ETCHEVARNE, 2007, p. 100).



Vista do bloco 1, na chegada ao sítio Entre Morros, município de Itatim, Chapada Diamantina. Fotografia: Mirta Kelen Barbosa, 2021.

Em situações topográficas diferentes, as rochas calcárias, geralmente utilizadas como suporte em ambientes internos, apresentam deposição geológica de minerais que permitem a estratificação diferenciada em termos de resistência à erosão, à granulometria e à coloração, favorecendo a conservação dos sítios em ambientes internos, mas trazendo problemas em ambientes externos com a deposição de calcita, que pode vir a cobrir as pinturas (ETCHEVARNE, 2007, p. 100).

Acredita-se que muito das informações contidas nos sítios já pode ter sido perdido ao longo do tempo, por consequência de alterações ocasionadas por ações de agentes intrínsecos aos suportes rochosos. Portanto, é de suma importância o desenvolvimento de processos metodológicos voltados para a conservação das pinturas, buscando realizar ações preventivas que garantam a eliminação e o controle dos agentes de alteração e de suas consequências, visando criar estratégias, estabelecer normas, ações fundamentadas e obrigações que garantam a preservação dos sítios. No Brasil, ainda é inicial a discussão acerca da conservação preventiva dos sítios de representação rupestre a partir da consideração dos domínios geológicos dos sítios arqueológicos. A discussão sobre as características do suporte rochoso e de como ele se relaciona com a vegetação, com o clima, com as

tipologias das pinturas e gravuras para cada tipo morfológico de rocha e com os aspectos relacionados a utilizações desses locais como abrigo é feita por Carlos Alberto Etchevarne, no livro *Escrito na Pedra*, publicado em 2007.

As primeiras intervenções de conservação visando desacelerar a destruição de sítios de arte rupestre começaram sob a coordenação da professora Maria Conceição Soares Meneses Lage, no ano de 1991, no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí; depois, foram realizadas em outros sítios do Nordeste brasileiro (LAGE, QUEIRÓS E LAGE, 2017, p. 100).

Através da formação de equipes multidisciplinares e com a colaboração da comunidade local, foram realizados diagnósticos técnicos, baseados nos resultados obtidos em exames e análises, *in situ* e em laboratórios especializados, dos diferentes depósitos de alteração, suportes rochosos e pigmentos rupestres. As equipes de trabalho incluíram os moradores de locais próximos, considerando-os como os atores principais para a conservação desses espaços, já que os pesquisadores vão ao local periodicamente (para pesquisas) e o contato direto com os sítios é feito por moradores da região circundante. (LAGE, QUEIRÓS E LAGE, 2017, p. 100).





Reprodução da imagem anterior com utilização de filtro do aplicativo Dstretch, sendo possível observar pinturas em cor amarela, cobertos pelo pigmento vermelho.

Ainda é escasso o número de estudos que versam sobre o tema da conservação preventiva de sítios arqueológicos de representação rupestre no Brasil. Em pesquisa no Catálogo de Dissertações e Teses da Capes, a partir da busca “conservação arte rupestre”, encontramos referência a onze dissertações de mestrado, sendo duas de mestrado profissional, e a uma tese de doutorado, defendida em 2010. A maior parte dos trabalhos foram realizados sobre sítios de arte rupestre nos estados do Piauí, Ceará, Pará e Minas Gerais.

Até o presente momento, monitoramos a realização de um único estudo que versa diretamente sobre o tema no estado da Bahia, defendido há 20 anos, por Márcia Dantas Braga, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A dissertação de mestrado, intitulada “Projeto de Conservação de Sítios Arqueológicos com Pintura Rupestre no Alto Sertão Baiano”, analisou o estado de conservação das pinturas rupestres localizadas na cidade de Central, totalizando 26 sítios estudados. Além disso, realizou testes preliminares, documentação fotográfica, higienização,

consolidação da rocha e da camada pictórica. Segundo a autora, o trabalho fez parte um projeto maior, denominado Projeto Central, e servirá como um documento útil para o monitoramento da área estudada.

Quanto às análises químicas realizadas em sítios baianos, destacamos o estudo de Luís Carlos Duarte Cavalcante, realizado para a elaboração da sua tese de doutorado, intitulada “Caracterização Arqueométrica de Pinturas Rupestres Pré-Históricas, Pigmentos Mineraiis Naturais e Eflorescências Salinas de Sítios Arqueológicos”, defendida em 2012, no Programa de Pós-Graduação em Química da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse estudo, o autor realiza caracterização química e mineralógica de pinturas rupestres pré-históricas, de pigmentos mineraiis e de eflorescências salinas de sítios arqueológicos localizados em alguns estados brasileiros; dentre eles, os sítios baianos Poções (no distrito da Pituba, área rural da cidade de Gentio do Ouro, na Chapada Diamantina) e Complexo Serra das Paridas I (na cidade de Lençóis, também na Chapada Diamantina).



Detalhe das pinturas rupestres em cor vermelha no painel principal da rocha 1 do sítio Entre Morros. Na imagem é possível ver representações humanas e desenhos geométricos. Fotografia: Viviane Santos, 2021.



Rocha 3 do sítio Entre Morros, com utilização do filtro do aplicativo Dstretch. Na imagem é possível observar diversidade de pinturas rupestres com representações antropomórficas e geométricas em cor vermelha. Fotografia: Mirta Kelen Barbosa, 2021.

Plano e métodos

Os estudos citados exploram as possibilidades da realização dos diagnósticos de conservação de maneira direta e indireta, mas não avançam no sentido de refletir profundamente sobre a relação entre o domínio geológico, o ambiente onde foram feitos os registros e a relação destes com a preservação dos registros rupestres. É importante registrar que grande parte do que vem sendo produzido sobre o assunto intenciona agir de forma direta sobre as rochas após a instalação do agente de degradação, sendo que nenhum desses estudos visa a reflexão sobre ações preventivas para evitar a ocorrência das degradações. Neste projeto, não se pretende realizar um exercício de natureza interventiva, mas sim criar mecanismos para antever acontecimentos que levem à degradação dos sítios e utilizar esses conhecimentos como um instrumento, não o único, para que sejam realizadas análises e reflexões sobre a matéria rochosa.

Os procedimentos metodológicos adotados nesta proposta terão como objetivo subsidiar a realização de estudos de caso de sítios de representação rupestre de domínios geológicos diferentes, para que, através da caracterização e posteriores análises da matéria e dos agentes de degradação, possam ser criadas metodologias de trabalho que servirão como instrumento para a garantia da preservação e salvaguarda destes locais.

Para atingir tal fim, o estudo visa desenvolver um conjunto de atividades práticas que serão devidamente documentadas e fundamentadas pelos critérios da conservação preventiva. Diferente da restauração, que consiste na realização de ações aplicadas de maneira direta a um bem cultural quando este já perdeu uma parte do seu significado ou função por meio de deteriorações, a conservação preventiva consiste na realização de ações que tenham como objetivo minimizar, de modo indireto, deteriorações futuras ou perdas no contexto, na área circundante ao bem, ou no seu próprio suporte (GONÇALVES, 2013, p. 46-47).

Este trabalho terá início a partir da seleção dos sítios a serem estudados. Nessa seleção, alguns critérios serão elencados, a fim de que sejam escolhidos sítios com melhores condições materiais para o estudo. Dentre os critérios escolhidos, citamos a condição de preservação das pinturas e/ou gravuras rupestres, a extensão do sítio, fatores ambientais relacionados à sua localização (exposição ao sol, desmatamento, extração mineral), sua relação com o espaço circundante, índices de visitação do local (serão escolhidos sítios com pouco, grande ou nenhum fluxo de visitação) e as características mineralógicas do suporte rochoso.



Registro de atividade de campo no sítio Entre Morros, em agosto de 2021. Fotografia: Mirta Kelen Barbosa, 2021.

No que se refere à caracterização dos suportes rochosos e das representações rupestres, essa etapa constitui-se como o primeiro protocolo de preservação, através do qual será realizada a modelação 3D, caracterização morfológica e químico-mineralógica das rochas e dos pigmentos e/ou incisões identificadas nos sítios estudados. A caracterização se inicia a partir da escolha dos quadrantes a serem analisados através de ferramentas como a microscopia portátil e o equipamento de fluorescência de raio-x portátil, priorizando a realização de análises in loco, não invasivas e não destrutivas.

Com relação às análises dos agentes de degradação e alteração dos sítios, faz-se necessário elaborar diagnósticos técnicos de conservação, quando forem executadas rotinas em campo e em laboratório. Em campo, observar-se-á a área em questão, o entorno, o sítio como um todo, a origem dos problemas de conservação e o estado de deterioração petrofísica de cada domínio geológico utilizado como suporte para as representações rupestres.

Essa etapa serve para que possamos conhecer e registrar os detalhes característicos dos sítios e de toda a região analisada, no suporte e nas pinturas e gravuras, ou seja, executa um registro, que ficará à disposição de pesquisadores futuros, sobre o estado de conservação dos sítios estudados.

Ainda em campo, faz-se necessária a realização de registros visuais e descritivos. Os registros visuais serão realizados por meio de desenhos, esquemas e imagens fotográficas e servem como suporte ao diagnóstico de conservação no patrimônio arqueológico, sendo uma comunicação visual que objetiva evidenciar as relações fundamentais entre o suporte rochoso, os desenhos, e os danos, registrando a diversidade, a hierarquização e as evidências quantitativas que serão transcritas pelas relações visuais apresentadas (GHETTI, LEITE e CASTRO, 2017, p. 10).



Atividade de campo onde foi realizada a microscopia do painel principal da rocha 1. Fotografia: Carlos Costa, 2021.



Registo de restos da extração irregular de granito nas rochas onde está localizado o sítio arqueológico. Fotografia: Viviane Santos, 2021.



Ocorrência de fogueiras feitas pelos garimpeiros junto à parede do sítio arqueológico. Fotografia: Viviane Santos, 2021.





Página ao lado, à esquerda - Casulo de insetos em parte fraturada da rocha granítica. Fotografia: Viviane Santos, 2021.

Página ao lado, à direita - Fratura e escorrimentos em cor branca e preta a cobrir parcialmente as pinturas rupestres. Fotografia: Viviane Santos, 2021.

Nesta página - Casulo de cupins sobre a rocha granítica. da rocha granítica. Fotografia: Viviane Santos, 2021.

Referências

- BAPTISTA, A. M. (1999a) – *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico Vale do Côa.
- BRAGA, M. T. *Projeto de conservação de sítios arqueológicos com pintura rupestre no alto sertão baiano*. 1999. 230f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- CARRERA RAMÍREZ, F. (2002) - *La Protección del Arte Prehistórico Ibérico, ¿Misión Imposible?* ArqueoWeb. Madrid – Diciembre 2002. http://www.ucm.es/info/arqueoweb/numero4_1/articulo4_3_proteccionarte.html
- CAVALVANTE, L. C. D. *Caracterização Arqueométrica de Pinturas Rupestres Pré-Históricas, Pigmentos Minerais Naturais e Eflorescências Salinas de Sítios Arqueológicos*. 2012. 305f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- ETCHEVARNE, C. *Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos registros rupestres do estado da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2007.
- ETCHEVARNE, C. "Patrimônio arqueológico na Bahia: breves considerações sobre o estado atual da questão". In: ETCHEVARNE, Carlos Alberto; PIMENTEL, Rita (Orgs.). *Patrimônio arqueológico da Bahia - Série estudos e pesquisas* nº 88. Salvador: SEI, p. 09-16, 2011.
- FERNANDES, A. P. B. "O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Filosofia, objectivos e acções concretas". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa., p. 5-37, 2004.
- FERNANDES, A.P.B. *Natural processes in the degradation of open-air rock-art sites: an urgency intervention scale to inform conservation*. 2012. 609f. Tese (Doutorado) - Bournemouth University. Reino Unido, 2012.
- GHETTI, N. C.; LEITE, M. N.; CASTRO, V. C. "Diagnóstico para conservação em gravuras rupestres no sítio do rio Logradouro-Campinha Grande/PB". In: *1º Simpósio Científico ICOMOS Brasil*, 1, 2017, Belo Horizonte. Anais, Belo Horizonte.
- GONÇALVES, W. B. *Métricas de Preservação e Simulações Computacionais como Ferramentas Diagnósticas para Conservação Preventiva de Coleções – estudo de caso no Sítio Patrimônio Mundial de Congonhas – MG*. 493 f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- KESTERING, C. "Estratégias de conservação das pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho de São Gonçalo, em Sobradinho, BA". *CLIO Arqueológica*, Recife, v. 1, n. 16, p. 49-66, 2003.
- KESTERING, C. *Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho-Ba*. 2007. 301f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2007.
- LAGE, M. C. S. M.; BORGES, J. F.; JÚNIOR, S. R. "Sítios de Registros Rupestres: monitoramento e conservação". *Mneme Revista de Humanidades*, Caicó, v. 6, n. 13, p.28-51, dez. de 2004 - jan. de 2005.
- LAGE, M. C. S. M.; QUEIRÓS, S. F. Q.; LAGE, W. "Arte rupestre pré-histórica: algumas medidas de conservação". In: CAMPOS, G.N.; GRANATO, M. (Org.). *Preservação do patrimônio arqueológico: desafios e estudos de caso*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017, p. 99-119.
- REIS, M.; ALVES, L.B.; CARVALHO, B.; CAETANO, V.; CARDOSO, J.M.; MARTINS, A. Upper Paleolithic Art in a Monumental Landscape. New findings from the site of Faia (Côa Valley, Portugal). *Ice Age Europe*, 2022, p. 18-19.
- SANTOS, L. A. *Cartografia social da paisagem cultural do município de Iraquara-Ba: subsídios para o planejamento territorial participativo*. 2016. 182f. Relatório Técnico (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

Consulte o site

<http://ceaacp.uc.pt/>

para mais informação sobre as atividades do CEAACP

